V ANNO. TERÇA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 512

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

Na sessão de sabbado, na camara electiva, discutiu-se o projecto sobre a liberdade d'imprensa.

Fallou sobre o assumpto o sr. deputado Lamprêa. S. ex.ª está de accordo com o projecto. Quer imprensa livre, mas quer que responda pelos abusos que commetter. Disse que não seguia a opinião dos que julgam que o projecto ataca a liberdade da imprensa; entende que elle é liberal, e que não deve haver impunidade para o anonymo de um escripto que ataca a honra de qualquer cidadão probo. O sr. deputado notou tambem no seu discursa que o sr. Levy tinha sido injusto para com a commissão e especialmente para o seu relator, e disse que o projecto não coartava de modo nenhum a liberdade antes a queria amplissima, mas sem impunidade para os abusos.

Fez algumas considerações sobre o que tinham dito os srs. deputados, Santos e Silva e Levy e concluiu votando o projecto na sua generalidade.

Depois deste sr. deputado coube a palavra ao sr. Carlos Bento. S. ex.ª mostrou-se indeciso, se devia ou não approvar o contrato, e aguarda explicações para se decidir.

Antes da ordem do dia teve segunda leitura uma proposta do sr. Sant'Anna e Vasconcellos, que é concebida n'estes termos.

«Constando estar proxima a chegada de SS. MM. a estes reinos, proponho que a camara dos srs. deputados nomeie uma grande commissão para felicitar os augustos personagens pelo seu regresso. Proponho mais que esta commissão seja tambem encarregada de felicitar El-Rei o sr. D. Fernando pela sabedoria com que regeu os negocios publicos, durante a ausencia de El-Rei o sr. D. Luiz.»

Esta proposta foi approvada.

Em seguida levantou-se na camara um incidente notavel. Fallou o sr. Costa Lemos, deputado por Guimarães. S. ex.ª arguiu o sr. deputado Vieira de Castro, por se achar publido no *Diario* um discurso do sr. deputado por Fafe, em que se liam palavras que embicavam com a honra do queixoso; notou essas palavra que o *Diario* publicára, e que elle não tinha ouvido no parlamento, e declarou que as repellia. Disse muitas outras coisas contra o sr. Vieira de Castro, e concluiu, fazendo erratas ao discurso do seu aggressor.

As côrtes encerram-se hoje.

Foi agraciado, por decreto de 23 do corrente, com o titulo de visconde de Almeidinha o nosso particular amigo, o digno par do reino, o sr. João Carlos do Amaral Ozorio e Souza.

S. ex.ª, que por diversas vezes recusára identicas distincções, accedeu ás instancias de amigos seus muito particulares, que formam parte do actual ministerio, acceitando a graça que S. M. houve por bem conferir-lhe.

RAMAL DA ESTAÇÃO EM ESGUEIRA

Consta-nos que a empreza concessionaria dos caminhos de ferro, projecta fazer um ramal que communique a via ferrea com a ria d'Aveiro no ponto onde vem terminar o esteiro d'Esgueira. Parece que a companhia, abandonando a primitiva ideia de construir o ramal em frente do aqueducto do Côjo, pertende substituil-o por outro em Esgueira. Se exceptuarmos a razão de economia na construcção, a qual nos parece ainda problematica, não alcançamos fundamento justo, que podesse mover a empreza a mudar de resolução. E' possivel que a despeza do ramal em Aveiro, começando junto á estação, e vinpo terminar no Côjo, seja um pouco maior do que em Esgueira; não pela subida superior que seja necessario vencer, porque em ambos os pontos deveria elle acabar onde chega o fluxo da maré; e portanto em ambos elles deveria ser egual o mesmo desenvolvimento de via. Mas será talvez mais difficil o aterro no sitio do ilhote do Côjo, onde todavia ha um sub-solo duro, porque é de pedreira, e não de terra pouco resistente, como receam alguns empregados della, escarmentados do que succedeu no aterro do Côjo, onde a falta de sondagens opportunas, e de conveniente estudo, fizeram disperdiçar sommas de grande vulto.

Qualquer economia porém que no aterro por Esgueira lucre a empreza, será não só contrabalançada, mas até muito excedida, por outra obra a que ella ficará obrigada, e sem a qual ali o ramal se tornará de quasi nenhuma utilidade.

Pelo esteiro, chamado d'Esgueira, é que as mercadorias terão accesso da ria d'Aveiro para a linha ferrea. Mas este canal, que é de mais da extensão de 3 kilometros, estreito, e quasi sempre obstruido com areia e terras, apenas dá navegação nas occasiões de praia-mar. Para que elle possa ser sempre navegavel será mister que muito frequentemente seja limpo; tal é a facilidade do seu pejamemto; e a sua desobstrucção é sempre muito dispendiosa.

Esta despeza tem de correr por certo á conta da empreza, e este onus permanente corresponde a um grande capital. O ramal junto á estação d'Aveiro não tinha este inconveniente, porque o nosso caes está sempre limpo e desobstruido; por elle a navegação seria sempre facil, e prompta até onde viesse terminar o ramal.

O centro de commercio é todo em Aveiro, e o ramal do Côjo viria acabar dentro da cidade, em frente das casas, e armazens de commercio. O ramal feito em Esgueira traria graves incommodos e transtornos aos commerciantes. Do caes d'Aveiro até ao esteiro de Bulhões, onde começa o canal ou esteiro d'Esgueira, mede-se aproximadamente a distancia de 7 kilometros, e aquelle esteiro como dissemos, medirá a de 3 kilometros.

Compare-se pois a commodidade de baldear em Aveiro as mercadorias dos armazens para os wagons, com o descommodo de as embarcar, e leval-as ao ramal d'Esgueira, que é navegação de 10 kilometros, pouco mais ou menos. E ainda assim multiplicar-se-hão os transtornos, se o esteiro não estiver permanentemente desobstruido, aliás terão os barcos que transportarem as mercadorias de ficar parados nas horas da baixa-mar. E é sabido que a locomotiva não póde ficar subordinada aos periodos do fluxo, e refluxo do mar.

Ter em attenção a povoação d'Esgueira, para resolver a mudança do canal, cuidamos que não poderia ser.

Esgueira que ha mais de dois seculos foi terra muito povoada, e de um soffrivel commercio, é ha muitos annos apenas uma povoação, ainda que de ricos proprietarios, e abastados lavradores, de muito pequena importancia commercial.

Não podêmos pois atinar com a razão porque se opta pelo ramal em Esgueira de preferencia ao d'Aveiro. Equivale isto a não produzir elle um terço, do que rasoavelmente deveria produzir, se viesse entranhar-se nesta cidade, como primitivamente se resolvêra.

Parece-nos que se a empreza attentasse bem nestas ponderações, ella seguiria outro alvitre; nem seria talvez de todo o ponto inutil, que mais uma vez Aveiro lhe representasse as perdas, e lucros cessantes, que ella por certo virá a ter se perseverar na substituição do ramal, a que ella, segundo nos dizem, e é publico, dá preferencia.

É exacto. Não podemos *engolir* as contas da camara. Pareceram-nos demasiado . . . gordas. Talvez seja defeito do nosso gorgomilo, mas de facto não podemos *engolir* a somma dos taes 4:813 jornaes, ou 16 operarios por dia durante os doze mezes do anno, vencendo a 320 réis diarios.

Fingiram a princípio não entender, mas a final sempre perceberam. Era de presumir. Ainda que, se não entendessem, era o mesmo; entendia o publico, que é o principal.

Mas emfim, andaram ou não os taes 16 operarios por dia durante todo o anno?

Ha quem ateime que não, e que de certo, tambem por defeito organico, não possa *engolir* a tal conta dos trabalhadores, carpinteiros e alveneres, que todo o anno andaram empregados no Passeio.

E note-se que se o anno economico de 1863 a 1864 se gastou em jornaes 1:546$415 réis, no anno de 1864 a 1865 gastou-se mais uns quatrocentos mil réis, o que eleva a proximo de *dois contos de réis* o custo *só da mão d'obra* para construir aquella *sumptuosa* casa do pôço, os muros, os tanques, e todas as demais magnificencias que se admiram no Passeio.

Bem sabemos que não é muito. Mas então que querem? Ha gente que o não quer ou não póde *engolir*. Defeitos da humanidade. É necessario ter paciencia e soffrel-os!

Confundimos pedreiros com canteiros! É boa! Onde fallámos nós em canteiros? Dissemos que na conta dos jornaes se não incluiam os pedreiros, porque esses figuravam em verba á parte. Ha alguma duvida n'isso? As contas fallam em pedreiros. Se houve confusão, a culpa foi de quem as publicou. *Scripta manent.*

Havemos de analysar as contas da camara, estejam descansados. Não nos perturbam com as suas arrogancias, nem deixaremos de assentar os nossos calculos em bases solidas, podem ter a certeza.

O *Campeão* declara que *não está convencido da ruindade* do contrato de 14 d'outubro, e protesta por isso contra a camaradagem que o *l'ortuguez* lhe dá com os jornaes que combateram o contrato.

É notavel! O proprietario do *Campeão* rejeitou o contrato, e o seu redactor confessa que «ninguem póde dizer que a operação fosse ruinosa para o paiz!»

Como se explica esta desharmonia de pensamentos? Manterá o sr. M. Firmino um jornal para advogar o contrario do que, como deputado, *vota* (advogar é cousa que elle não sabe fazer, nem na imprensa, nem na tribuna) no parlamento?

É que um tem já a consciencia exclarecida, e o outro ou a tem em hibernação, ou tem receio de a exclarecer!

Chama o povo a isto, na sua linguagem tosca mas expressiva: — segurar-se a duas amarras.

Muito mortifica aos parlapatões da Vera-Cruz — a permanencia do sr. Joaquim Alvaro como administrador do concelho d'Agueda! Não é para admirar. Depois que aquelle cavalheiro tomou conta d'aquella administração acabaram os felizes tempos em que Agueda era o manancial mais querido daquella virtuosa gente. De lá vieram as primeiras honrarias que receberam. São cousas que nunca esquecem.

Cremos que ao sr. Joaquim Alvaro são indifferentes as injurias dos miseraveis zangãos, que volitam em torno da sua reputação, por lhe faltar a elles o mel na colmêa, e podemos assegurar a s. ex.ª que no conceito dos homens de bem são ellas mais um merecimento. Os insultos são preferiveis ás bajulações e aos louvores venaes.

A corrupção attribuida ao ex-administrador de Oliveira de Bairro, em materias de recrutamento, temos fé que é calumniosa. Se fossemos a acreditar tudo o que se diz, tambem poderiamos apontar casas desta cidade que os besbilhoteiros malsinam de se sustentarem, em tempos prósperos, com os presentes das recrutas escusas, e ainda mandarem vender, dos sobejos, morcellas d'Arouca, pernas de vitella de Lafões, e teias de panno de linho, etc.

São cousas que se dizem. Nem tudo o que se diz se deve acreditar.

O contracto do caminho de ferro que o governo fez com a companhia dos caminhos de ferro do sueste conta já em seu

---

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 511.)

A cholera restaurára as côres da vida nas faces d'Edith, e o fogo da indignação tinha occultado todos os vestigios de lagrimas nos olhos ardentes; a quietação das resoluções supremas serenára-lhe a fronte.

Assim que, — lady Harley, attraindo a filha para o seio, disse-lhe com voz amimadora:

—Edith, filha, estou mui contente por te ver livre da prostração, que te assoberbava. Receiava que este casamento não fosse de teu grado, e que só a futil timidez de retractar a tua resolução á ultima hora te empenhasse no seu cumprimento. Não queria que uma consideração mundana arriscasse a felicidade da tua vida. Certo é que teu pae acha no senhor de Volmerange todos os dotes, que se podem requerer de um genro, porém tinha assentado comigo em persuadir-te, que não formasses uma união, que a tal ponto te inquieta e agita. Eu nada senti egual com o que tens sentido no momento em que atei com teu pae o laço que nos liga; confiança inalteravel, serenidade celeste, satisfação quieta e entranhavel enchiam minha alma. Tal deve ser o sentimento que anime uma donzella, quando vae unir-se ao que ha de acompanhar até ao tumulo, e que encontrará na eternidade.

—Minha mãe, respondeu Edith abraçando lady Harley, e meu bondoso pae, agradeço-lhes com profunda gratidão o que me disseram, e não posso exprimir a que ponto me commovem taes provas d'afeição; mas são mal fundadas as suas inquietações. Soceguem. A sua escolha é tambem a minha. Eu tambem acho o senhor de Volmerange bem nascido, dotado de sentimentos nobres e generosos, d'elegancia estremada, e perfeita graciosidade. Firmemente creio que se ha na terra homem que possa fazer uma mulher feliz, é elle....

Não poude aqui Edith soffrear um suspiro, que desconcertava do sentido das palavras que proferia, e que mais indicava uma saudade que uma esperança.

—Amo o senhor de Volmerange.... ... continou Edith, posso dizel-o deante dos meus queridos paes; e no ponto de caminhar para o altar, declaro-lhes que algum pranto, que porventura tenha derramado, as tristezas a que me tenha entregue, outra cousa não são que melancholias de criança nervosa, onde só de real havia a dor do nosso apartamento.

— Tanto melhor, se isso é verdade, minha querida Edith; receiava eu que alguma aversão occulta se encobrisse na tua obediencia á nossa vontade.

—Dê-me um beijo, meu pae, disse a donzella aproximando a testa dos labios de lord Harley, que a cingiu ao coração.

Depois tomou a mão de lord Harley, e acurvou-se n'ella com effusão. Estremeceram-lhe o corpo algnns soluços refreados, mas quando se endireitou, já o semblante havia recuperado a expressão socegada.

Annunciaram o senhor de Volmerange.

Era um moço de vinte e cinco a vinte e seis annos, cuja physionomia salteava logo o animo com estranho encanto. Nascêra em Chandernagor, de pae francez e mãe indiatica; n'elle se fundiam as qualidades d'ambas as raças. Os olhos d'azul estreme eram rodeados de pestanas compridas e negras, e coroados de sobrancelhas d'ebano delicadamente pintadas na testa de baça pallidez. Dava-lhe á fronte graça singular este desconcerto. A vista azul nadando entre duas franjas escuras tinha côr triste e meiga, que sería feminina, se não fôra a energia das demais feições. Quando alguma torvação forte agitava o senhor de Volmerange, as pupillas animadas pela côr abraseada das palpebras, pareciam illuminar-se, e passavam de côr de saffira á de turqueza. Esta desharmonia, ainda que muito aprasivel, e que um pintor colorista estudaria com paixão, era o que dava áquelle rosto um cunho de fatal, mysterioso, e sobrenatural. Alguns anjos meditabundos e sinistros de Alberto Dürer tem egual olhar, immenso como o céu, profundo como o oceano, em que parecem todas as melancholias fundidas n'uma gôtta d'agua asul. Embora das feições lhe transpirassem quietação d'alma, lisura e bondade, — nenhum pintor o tomaria por modélo para symbolisar o contentamento.

Era o senhor de Volmerange avantajado d'estatura, e com ser esbelto, apparentava vigor mais que ordinario. Apesar da elegancia afidalgada da pessoa, comtudo a largura do peito e os musculos dos braços, visiveis debaixo das mangas, mostravam força d'athleta.

Esta robustez temperada pela elegancia, e pelo bem apessoado da figura, tinha extraordinario garbo: o garbo da valentia.

Partiram para a egreja.

Ora succedeu que era a mesma egreja de Santa Margarida em Palace Yard, e sob cujo portico esperava o seu noivo miss Amabel Vyvyan, pallida como estatua d'alabastro sobre um mausoleu.

O veu d'Edith roçou ao de leve pelo hombro d'Amabel.

Entregue á sua ventura, Volmerange nem um olhas sequer lauçou para a dessocegada donzella parada no liminar do templo, tentando com a vista sondar o nevoeiro.

E todavia n'aquelle ponto haviam passado um pelo outro dois destinos.

Não deu Amabel a menor attenção a similhante casualidade.

Entregue á lembrança de Benedicto, á angustia da anciedade, ao embaraço da situação tormentosa, nem deu por Edith, nem por Volmerange; tambem a estes nenhum sobresalto della os advertiu.

Entraram na escura egreja, e concluiu-se a ceremonia ao som das refégas, que faziam bater as portas, e que se carpiam ao correr das naves cheias de sombras; o nevoeiro desfazia-se em chuva, e volumosas pingas levadas pelo vento varejavam os vidros amarellos das grandes vidraças protestantes.

Pallido crepusculo apagado a todo o momento pelos redemoinhos da procella alumeava com sinistros reflexos os noivos, o padre, e os assistentes. Tomava a sobrepeliz parecenças de mortalha, e o ministro com pallor d'espectro, ou feiticeiro dava ares de quem fazia um esconjuro. Representavam os gestos sagrados os signaes cabalisticos; os conjuges curvados mais pareciam resar sobre tumulos que inclinarem-se á benção nupcial, arroubados e felizes. Lá longe, ao pé da porta entrevia-se rodeado de vultos negros, um vulto branco, como fixo no liminar da egreja por potencia infernal, — qual alma desgraçada que um anjo expulsa do paraiso.

Calou nos convidados um sentimento d'invencivel tristeza; vaga ideia d'infortunio pairava no ambiente, como suspensa em asas de morcego; traspassava-os, e augmentava a tormentosa impressão o frio glacial, penetrante, que congelava a medula nos ossos, — frio de subterraneo, de sepulchro, ou de prisão. Os menos supersticiosos, sem embargo da sua incredulidade, não se contiveram de dizer para si: «casamento é este mal agourado; se for feliz, força é confessar que são bem tristes os auspicios da felicidade.

Era Volmerange o unico insensivel a todas as impressões exteriores; adorava Edith, e — embora o dia em que a recebia por esposa fosse cheio de relampagos e raios, de nuvens e trombas, — elle o teria como o mais puro, e o mais sereno dos seus dias. Que importa as nuvens do céu, e os nevoeiros da terra, quando ha n'alma o asul celeste, quando ha sol no coração?

No ponto de sair da egreja o par, um homem de trage andrajoso e aspecto humilde, que podia tomar-se por um pobre envergonhado, ou pretendente, especulando com a alegria, que induz quem é feliz a fazer felizes, estendeu ao senhor de Volmerange um sobrescripto lacrado, que parecia encerrar papeis — alguma petição certamente, e certidões para a fundamentar.

Com mão discreta recebeu Volmerange o sobrescripto e o metteu no bolço sem fitar o sugeito que lh'o estendêra.

Estremeceu Edith ao aspecto do homem, mas não fez observação.

Estava lá emcima escripto, que naquelle dia nenhum casamento feliz se havia de celebrar na egreja de Santa Margarida.

Benedicto Arundell desapparecêra!

. . . . . .

E por alta noute no quarto nupcial de Volmerange e Edith, no silencio da casa resoou um gemido profundo e plangente. Houve criados que o ouviram, mas nenhum se atrevêra a devassar sem ser chamado os mysterios do thalamo.

Seria o grito do pudor assustado? derradeira resistencia da virgem?

Ninguem poude resolvel-o.

Só pela manhã, por não se ouvir no quarto ruido, ninguem de dentro tocar a campainha, e por ser já mais de meio dia, arriscaram-se a abrir a porta.

Estava o quarto vasio!

(*Continúa.*)

favor a approvação d'um jornal que até agora o tinha combatido.

O *Bracarense* que tinha impugnado o contrato, e cremos que o fazia com convicção, favorece-o hoje. Folgamos de vêr que o collega de Braga, reconhecendo a verdade, propugne por ella, e estamos certos de que a impugnação que até agora fez ao contrato, era conscienciosa e leal, porque o vemos ceder á verdade, logo que conheceu de que lado ella estava. Este facto honra o collega, mostra as suas intenções rectas, e é mais uma prova de que o contrato é vantajoso ao paiz, e é uma prova valente e solida, porque vem de parte em que senão póde suppôr que a affeição ao actual governo fizesse ver as coisas menos justamente.

Diz o *Bracarense*:

«Passou na camara electiva por 85 votos contra 55 a novação do contracto do caminho de ferro do Sul, e tanto basta para que esse projecto deva ser por nós respeitado. Falta-lhe a approvação da camara alta para que além do respeito, tambem o dever nos mande acatar a resolução do parlamento.

«No principio da discussão pareceu-nos summamente ruinoso esse contrato em vista dos calculos e argumentos do sr. Santos e Silva; mas depois que fallou o sr. ministro da fazenda modificamos a nossa opinião. O sr. Fontes, n'um discurso monumental, o mais notavel de todos os seus discurso, que, a par de profundos estudos revellou grande sciencia administrativa, abalou os mais fortes argumentos de seus contrarios e destruiu outros completamente.

«O paiz, que a principio repellia o contrato, suspendeu os seus juizos e faz votos para que se realisem os prognosticos do illustre ministro da fazenda. E' certo que a operação offerece immediatas vantagens ao governo, proporcionando-lhe recursos para acudir ás mais urgentes necessidades do estado; e se a providencia governativa preparar no futuro os meios que a prudencia aconselha para remediar alguns inconvenientes, que possam resultar do contrato, evitaremos os males que a opposição conscienciosamente temia, sem perdermos as immediatas conveniencias financeiras, e as que resultarão da conclusão do importante caminho de ferro do Sul, destinado a levar aos confins do Alemtejo e Algarve as vantagens da civilisação e do progresso.»

Exposição do Porto

XIV

Na extremidade sul da nave central, quasi no fim da galeria d'oeste, estão expostos os productos da fabrica dos srs. Anjos, Cunha, Miranda & C.ª: chitas, zuartes, lençaria, etc.

A fabrica d'onde estes productos vieram, estabelecida em Lisboa, na rua da Fabrica da Polvora n.º 38 (Alcantara) foi fundada em 1840, pelos srs. Rodrigues Barros & C.ª para a producção de zuartes, e continuou no trabalho de tingir algodões crus, desde 1844 a 1847, administrada pela sociedade Miranda Batalha & C.ª

Em 1847 emprehendeu esta sociedade a impressão mecanica dos algodões, organisando para este fim convenientemente as officinas, e comprando, como consta da informação official, que temos á vista, duas machinas de estampar, e outros machinismos accessorios, tudo pelo systema inglez. Para a collocação e trabalho destas machinas construiu-se edificio apropriado, e adquiriu-se motor, cuja força de vinte e cinco cavallos pareceu sufficiente para o effeito que se pretendia obter.

Produzia a fabrica então os tecidos de fundo azul, e taes creditos ganharam estes productos, e tal foi o consumo, sempre em augmento, de mez para mez, que os proprietarios resolveram alargar a exploração, estabelecendo uma nova machina de estampar, em quatro côres, para os trabalhos de azul, e para os de claro, denominados de phantazia.

Em 1850 a fabrica reforçava a collecção dos seus productos, apresentando os zuartes de Africa, largos e pintados; e os mercados das nossas colonias abriam-se para elles, como já eram abertos para os outros os mercados do reino.

Extincta a sociedade Miranda, Batalha & C.ª em 1854, passou a fabrica a ser administrada pela sociedade actual Anjos, Cunha, Miranda & C.ª

Durante os onze annos da sua administração, esta sociedade tem applicado capitaes consideraveis na construção de officinas, na compra de machinas, e nas transformações de trabalho exigidas pelo progresso technologico, e pelos caprichos do mercado.

No seu estado actual a fabrica emprega 250 operarios, maiores e menores de um e de outro sexo, e dispõe das seguintes machinas:

1 Machina de vapor da força de 30 cavallos com trez caldeiras tubolares;
1 Dita da força de 6 cavallos para dar movimento á bomba, que tira agua do deposito principal;
2 Caldeiras que produzem vapor para as officinas;
1 Estufa de vapor;
1 Grande enxugo ao ar livre;
4 Machinas de estampar;
8 Ditas de lavar;
2 Extrahidores;
2 Machinas de secar por vapor;
2 Calandras;
1 Machina de acabamentos;
8 Tanques de ferro para os processos de ruiva;
16 Ditos de madeira para processos preparatorios;
40 Dornas de ferro com os competentes sarilhos;
60 Ditas de madeira, idem;
1 Machina de gravar com todos os respectivos utensilios;
1 Officina de gravador, com artista escripturado em Inglaterra;
1 Dita de serralheiro;
1 Dita de carpinteiro.

Todos os operarios empregados agora na fabrica são nacionaes, exceptuando o gravador, e o mestre geral, associado, que são inglezes.

As materias primeiras empregadas são: tecidos de algodão cru ou branco, e caparosa, campeche, anil, acido sulfurico, citrato de chumbo, chromato de potassa, sulfato dobrado de alumina e potassa, acido citrico, e outras de menor importancia para a estamparia e tinturaria.

A producção annual regular em chitas, lençarias, e zuartes é de sessenta a oitenta mil pessas, podendo ser consideravelmente augmentada.

As distincções obtidas pela fabrica são as seguintes:

Medalha da exposição de 1840, promovida em Lisboa pela Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Medalha da exposição em 1851 em Londres.

Medalha da exposição em 1861, promovida no Porto pela Associação Industrial Portuense.

Medalha na exposição de 1862 em Londres.

Medalha na exposição de 1863, promovida em Lisboa pela Associação Promotora da Industria Fabril.

Das informações, que temos á vista, deduz-se esta breve noticia historica da fabrica dos srs. Anjos, Cunha, Miranda & C.ª

Do exame dos productos expostos deduz-se que a direcção cuida, com zelo, no progresso do estabelecimento que rege.

Este progresso descobre-se pela directa inspecção das fazendas, e pela comparação com outras de egual natureza. E depois é preciso conhecer a historia dessas outras, e a das nossas, para tirar conclusões fundadas.

Não conhecemos outro meio de julgar com acerto.

Para nós, que temos acompanhado, com a nossa attenção, a fabrica, nos diversos periodos do seu desenvolvimento, é certo e incontestavel o progresso, que se manifesta pelo exame directo. A comparação com productos analogos não é facil, porque faltam na exposição os algodões estampados da Inglaterra, da Belgica, da Allemanha, etc. Felizmente a França expoz e offerece para o estudo, os typos indispensaveis nas collecções apresentadas pela camara de Rouen.

Do estudo conclue-se, depois da exposição de 1865, o que na França concluiram depois da exposição de 1862.

Além, comparando a industria franceza com as de outros povos, acharam que ella tinha elementos de vida, e pediram para o seu desenvolvimento *restituição de direitos* de todo o algodão cru importado ou reexportado, *ensino profissional* adoptado ás necessidades da tinturaria e estamparia, e fundação de *officinas modelos*, ou ao menos de *museus* para a exhibição de machinas e apparelhos de mais difficil introducção.

Aqui, chegamos ás mesmas conclusões.

Não queremos centralisação absoluta. Não pretendemos que o governo se substitua—ciumento—á iniciativa espontanea dos cidadãos, em todos os actos da sua vida industrial, como ainda hontem dizia um elegante escriptor. Não somos da tribu selvagem apinhada em redor do fogo santo do governo. Mas temos direito a exigir delle que dê á industria o que só elle póde conceder-lhe.

Pediremos, pois, para a estamparia nacional, restituição dos direitos de entrada, que ella paga pela importação dos algodões crus.

Pediremos que esta restituição seja feita liberalmente, sem as restricções que lá fóra annullaram uma parte dos effeitos desta util providencia.

Pediremos para a tinturaria e estamparia de algodões, como para as outras industrias, a instrucção profissional indispensavel.

Pediremos, emfim, para ella como para todas, a creação de officinas modelos e a fundação de modelos industriaes, por que é preciso que o ensino desça da região das theorias para o campo das applicações, e só assim descerá.

Os artefactos da fabrica dos srs. Anjos, Cunha, Miranda & C.ª foram citados no relatorio do sr. Persoz, professor do conservatorio d'artes e officios de Pariz, incluidos entre as obras de estamparia que particularmente attrahiram as attenções dos membros do jury.

Dos productos, que este estabelecimento apresenta, mais vulgares no mercado, mereceram distincção especial as chitas de fundos azues, zuartes e pintados, a lençaria de fundos escuros, e as chitas lisas de fundo preto, ou côr de ganga.

Tendo diminuido o consumo de algumas dessas fazendas, a direcção, que vigia constantemente os mercados, para attender ás suas exigencias, ensaiou os trabalhos de phantazia, e com resultado favoravel conseguiu fabricar chitas e lençaria de côres claras e firmes, que tem sido bem recebidas pelos consumidores.

FRADESSO DA SILVEIRA.

(*Commercio do Porto.*)

Estrada d'Agueda a Tondella

(*Resposta ao artigo inserto no n.º 508 do Districto.*)

Involuntaria é a nossa resposta ao arrasoado do tal sr. João Fernandes, *si rite recordor*; porém sempre que vimos que na epoca das luzes qualquer João Fernandes nos vem fallar de estradas, traçados, directrizes, e, sobre tudo, de justiça, razão, direito, etc. etc., cresce-nos a agua na bocca e, *não sei de nojo como o conte*, vomitamos, apezar mesmo da sabença encyclopedica dos mesmos doutores.

Posto que bastante nauseadoo o effeito não foi tão decidido com os seus rabiscos dos n.os 443, 469, 473 e 477 do *Districto*; por que nos pôde servir de desenjoativo a sua assignatura, João Fernandes, pelo que o publico os tomou tambem por certo na sua devida conta.

E não é hoje ainda o susto, de que vozes de burro cheguem ao ceu, a razão, por que lhe vamos fazer poucas reflexões, mas sim a desfaçatez com que o sr. João Fernandes se atreve a atacar a opinião de centenares de pessoas, levada ha dois annos ao ministerio respectivo em tres ou quatro representações, pedindo a directriz da estrada de Agueda a Tondella por Bolfiar e Castanheira.

Ora diga-nos, sr. João Fernandes, se faz favor; como é que admitte na sua bóla aerea que os dois povos mais interessados, os dois extremos da estrada—Agueda e Tondella, pedissem aquillo que menos lhes convem, isto é, a directriz por Bolfiar e Castanheira? e a representação do commercio do Porto tambem nada vale?

Se não está cançado, e sabe as obras de misericordia, não se negará a dar-nos uma lição de mathematicas, que tão *puras* nos apparecem no seu *capitolio*: é o caso. Não será verdade que n'um triangulo qualquer um dos lados é sempre menor que a somma dos outros dois? não será verdade que o mathematico deve sempre medir as distancias pelo caminho mais curto? não será verdade que se a estrada, deixando a recta, houvesse de seguir os dois lados, o angulo seria nas proximidades da sua *boa* Deferreiros? Agora conheça-se da imparcialidade do sr. João Fernandes.

Pois, sr. João Fernandes, ainda o não deixamos, sem nos ellucidar um ponto da sua correspondencia, para nós muito obscuro, posto que bem conhecedor de todos esses sitios, ainda que longe de lá. Quem é esse grande vulto situado na directriz por Bolfiar e Castanheira, que tem força mais que todas as razões economicas para afastar a estrada da sua *justa directriz*?

Quem será esse grande personagem?

A quem render quero alta homenagem.

Sr. João Fernandes, se das diatribes e miserias com que em outro tempo respondeu ao sr. Campos nos inconcussos argumentos, com que este sr. defendeu a directriz da Castanheira *tota boracha nondum escorropichata ficavit*, venha o resto, que ha de ter a mesma sorte, a que então foi condemnado—o desprezo: e creia que *«errada marcha é a que pizam»*, desculpe o *rapto*, por que eu sempre aproveito o que é *bom*, dos que julgam persuadir com rhetorica tão chula.

Vale, domine João Fernandes.

Caparica, 13 de dezembro de 1865.

Antonio M. Gomes de S. José.

REUNIÃO

Teve logar na terça-feira (19 do corrente mez) uma reunião dos estudantes, que frequentam o Lyceu e Seminario, n'uma das salas daquelle vasto edificio, promovida por alguns alumnos.

Compunha-se de mais de 100 estudantes, representando todas as disciplinas.

Tomando a palavra o sr. Albino Antunes Ferreira Coelho, alumno do Seminario e Lyceu, disse «que o fim para que fôra promovida aquella reunião era para se saber se todos quantos se achavam reunidos concordavam na ideia, que tiveram alguns condiscipulos de collocar o retrato do grande orador **José Estevão** n'um dos salões, por isso que havia sido o seu fundador.»

Em seguida o sr. José Rodrigues Pinto, Junior, tambem alumno do Seminario, considerou que todos os assistentes já, mais ou menos, sabiam o fim para que ali os chamavam, e que lhe parecia todos concordavam n'isso (*foi calorosamente apoiado*), e portanto era conveniente nomear uma mesa provisoria para tratar dos trabalhos preparatorios.

O sr. Albino lembrou-o então para presidente da mesa provisoria, sendo unanimemente acclamado.

O sr. José Pinto agradeceu á assembleia a nomeação, e que apezar de se não achar com forças para a desempenhar, faria tudo que em si coubesse, pedindo o não nomeassem para a definitiva, por duplicadas razões que se davam.

Tomando o seu logar propoz para secretario o sr. Francisco de Magalhães, alumno do Lyceu, e para vogaes os srs. Albino Antunes Ferreira Coelho, e Viriato de Sousa Marques, tambem alumnos do Lyceu.

Tratando se da nomeação da mesa definitiva, expoz a sua opinião o sr. Albino, de que entendia que para presidente desta mesa fosse nomeado o exm.º reitor do Lyceu.

Suscitou-se então uma pequena discussão, resolvendo se, — visto a iniciativa partir de estudantees —, que d'elles fosse constituida a mesa.

Então o presidente perguntou se queriam que a votação fosse nominal ou por escrutinio.

Decidiu-se que fosse nominal, sendo mais votados os seguintes: para presidente o sr. Viriato de Sousa Marques, por 30 votos; (o sr. José Pinto, apezar da sua declaração, obteve 27 votos, vencendo portanto aquelle por uma maioria de 3;) para vice-presidente o sr. Carlos Faria de Mello, alumno d'introducção, por 26 votos, obtendo maioria de 16; para secretario o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, alumno da mesma aula, por 27 votos, obtendo maioria de 19.

Quando se procedia á votação para thesoureiro, lembrou o sr. Albino, para obviar a obstaculos que podessem sobrevir se fosse nomeado um condiscipulo, a nomeação do exm.º reitor.

Redarguiu o sr. José Pinto, que, visto a assembleia ter decidido que a mesa fosse constituida por estudantes, não podia ser admittida a sua proposta.

Foi então proclamado por unanimidade o sr. Albino.

Continuando a votação para o complemento da mesa, foram mais votados para vogaes os seguintes srs.: Francisco V. Barbosa de Magalhães, alumno de philosophia; Antonio Barreto Ferraz Sacchetti, alumno do desenho linear; Antonio José Lopes, Junior, alumno de portuguez e latim; Augusto da Silva Santhiago, alumno de francez e inglez; João Domingues Louro, alumno de historia; e Angelo Gualter Ribeiro Couceiro, alumno de latinidade: todos por unanimidade.

E assim ficou completa a mesa que ha de tratar de levar á execução essa grandiosa ideia, que generosamente brotou de juvenis e patrioticos corações, animados pela mais pura intenção, e gratos á memoria d'aquelle benemerito cidadão, o nunca assás chorado **José Estevão**; cabendo aqui mencionar para sua gloria e da patria, que os iniciadores foram os dois esperançosos mancebos, e seus patricios, os srs. Francisco A. da Fonseca Regalla e Carlos Faria de Mello, sendo depois segundados pelos srs. Francisco de Magalhães e outros.

Foi por isso que o sr. Albino lhes propoz um voto de louvor, tendo numerosissimos apoiados.

Foi pena que nem todos comprehendessem a nobreza e alcance de tal passo e tratassem d'obstar ao regular andamento da votação.

Cumpre agora que aquelles, que tomaram sobre si tão ousada empreza, não esmoreçam e a levem á realidade, porque realmente era uma ingratidão que os filhos de Minerva deixassem de prestar um tributo ao fundador do Lyceu Nacional de Aveiro=o grande **José Estevão Coelho de Magalhães**=.

Segue se a acta, lavrada no fim desta sessão, assim como outra da sessão extraordinaria da meza, em casa do sr. Carlos Faria de Mello, em que se tratou de varios assumptos, dos quaes na mesma se faz menção.

Acta

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e sessenta e cinco, aos dezenove dias do mez de dezembro, estando reunidos ás trez horas da tarde no edificio do Lyceu, e com permissão do ex.mo Reitor, o bacharel em medicina, Manuel Gonçalves de Figueiredo, os abaixo assignados estudantes do Lyceu e Seminario convocados por Carlos Faria de Mello, Francisco Augusto da Fonseca Regalla, Francisco Victorino Barboza de Magalhães, Albino Antunes Ferreira Coelho, Antonio Barreto Ferraz Sachetti, e Veriato de Souza Marques, tomou a palavra o alumno do Seminario e Lyceu Albino Antunes Ferreira Coelho, e n'um pequeno e elegante discurso, propoz a erecção d'um monumento n'uma das salas do Lyceu Nacional ao defunto orador JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES a quem a patria tanto deve, e dá em troca esquecimento; attendendo a que o sobredito defunto orador era natural desta terra, e que a elle se deve o grandioso edificio onde está estabelecido o Lyceu Nacional, edificio o melhor do reino; para desviar da patria o vergonhoso vexame que sobre ella peza; que apresentado á discussão o projecto para a erecção d'um modesto monumento em honra e memoria do defunto orador, foi acolhido com grande enthusiasmo este projecto; passando-se desde logo á nomeação d'uma mesa provisoria composta de um presidente, um secretario e dois vogaes para eleição definitiva d'uma direcção com o fim de pôr em execução o projecto; foram todos consultados sobre o modo por que ella devia ter logar; decidiu-se que tivesse logar por acclamação sahindo eleitos os seguintes, que começaram desde logo a funccionar: para presidente Viriato de Sousa Marques —por maioria— para vice-presidente—Carlos Faria de Mello— por maioria, para secretario Francisco Augusto da Fonseca Regalla, todos desta cidade; para thesoureiro foi eleito por unanimidade Albino Antunes Ferreira Coelho, assim como para vogaes, Antonio José Lopes Junior, Augusto da Silva Santiago, Francisco Victorino Barboza de Magalhães, João Domingues Louro, Sebastião Simões Pereira, Antonio Barreto Ferraz Sacchetti e Angelo Gualter Ribeiro Couceiro. E deste modo se deu por finda a eleição a contento de todos. A sessão correu com a maior regularidade tornando-se dignos de louvor pelos esforços que empregaram para que a ordem não fosse alterada, os estudantes Manuel Queiroz da Silva, Manuel de Oliveira Costa, e Lourenço José Tavares e Castro, cabendo aqui dar um testemunho d'apreço e consideração a cada um destes e em geral a todos os mais, que assistiram á sesão, de que se mandou lavrar a seguinte acta para ser enviada á approção do ex.mo Reitor deste Lyceu.

Aveiro, 19 de dezembro de 1865.

O presidente da mesa provisoria, José Rodrigues Pinto Junior.
Secretario, Francisco Victorino Barboza de Magalhães.
Os vogaes, Albino Ferreira Antunes Coelho.
» Viriato de SouzaiMarques.

O presidente, Viriato de Souza Marques.
O vice-presidente, Carlos Faria de Mello.
O secretario, Francisco Augusto da Fonseca Regalla.
O thesoureiro, Albino Ferreira Antunes Coelho.
Os vogaes, Antonio Barreto Ferraz Sacchetti
» Francisco Victorino B. de Magalhães,
» Augusto da Silva Santiago.
» Sebastião Simões Pereira.
» João Domingues Louro.
» Antonio José Lopes Junior.
» Angelo Gualter Ribeiro Couceiro.»

(Seguem-se 42 assignaturas).

* * *

O tufão desmorona o colosso, que resistira a senha de mil tempestades, e, quando se lhe ouve o baque, passa-nos na alma a idêa de quanto é transitoria a existencia no mundo. Chama-nos á contemplação do pouco que dura a vida o cahir do cedro que viu de fronte altiva o bramir da procella, e affrontou a furia das tormentas. O roble secco do raio acorda-nos d'este sonho, que se chama viver, e manda-nos olhar para o ceu, onde só devem estar as nossas esperanças. O broxulear da lampada do santuario vem recordar-nos de que ha ali uma similhança da vida humana. Tudo que acaba levanta-nos no espirito a idéa de morte, chama-nos á realidade do nada das coisas da vida, e aponta-nos o sepulcro.

A morte do octagenario, que assistiu ao passamento de seus companheiros de infancia, e de seus filhos, é-nos pena que muitas vezes não comportamos de olhos enxutos.

Mas quando a nossa alma sente com dôr o finar-se do que viveu annos, como deve a agonia repassal-a, vendo murchar flôr nada hontem, e que hontem era viço e verdura!.... A existencia de cem annos, que termina, deixa uma saudade. A vida, que fulgurou, e que, como o meteoro desappareceu breve, deixa mais que uma saudade, porque causa muitas vezes a desesperança, mitigavel só pelo orvalho sancto da fé.

Vêr a flor creada em mimos, cuidada com disvelos, virente, rica de seiva n'um dia, para ao outro a vêr murchecida, e já sem ostentar, nem perfumes, nem viço, é cair do ceu em abysmo de dôres; é para a agonia nos toldar por um pouco a Providencia.

Finou-se uma existencia, que foi como a flor de um dia. — Morreu a exm.ª sr.ª D. Maria José de Mello Coelho Bandeira.

Foi-lhe a vida cheia de amarguras. Viu os sepulcros de mãe e irmãos, e ajoelhou sobre elles, e reson uma prece... curta, que breve o seu corpo era do sepulcro tambem.

Entrára na vida aquella alma ingenua e pura, e quando as esperanças a deviam rociar suaves, e quando o futuro se lhe devia mostrar desnuviado e lindo, e quando a terra e o ceu lhe deviam sorrir, olhou em roda de si, e viu desenganos, e por futuro um tumulo!...

.....
.....
.....

Ao contemplar-se o passamento de uma existencia que foi curta e virtuosa, ao vêr abrir-se uma sepultura para entrar um cadaver, que ainda ha pouco era um corpo cheio de vida, no frescor dos annos, e ao ouvir-se em torno d'elle o pranto de uma familia infeliz, ha um momento solemne, em que a nossa alma enxerga, atravez de um veu de lagrimas, outro mundo além-tumulo. É lá que deve entrar o pensamento de quem chora, para que o pranto lhe mareje os olhos com a suavidade de que dá a esperança!

Não ha palavras para consolar dôres tamanhas.

Ao nosso amigo, J. B. Coelho de Mello, e áquella familia infeliz apontamos sómente o ceu.

Discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 6 do corrente, a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

(Continuado do num. antecedente.)

E invocando a opinião dos homens competentes, peço licença á camara para citar mr. Risler, homem habilissimo e entendido em questões de caminhos de ferro, que, ainda não ha muitos annos, em 1857, na academia de Lauzanne, na Suissa, demonstrou n'uma memoria cheia de dados estatisticos procurados com o maior rigor, que as companhias de caminhos de ferro da Suissa, estavam tirando dos capitaes empregados 2 1/2 por cento, e o paiz tinha lucrado 20 por cento. As companhias estavam arruinadas, e o paiz estava rico!

Assim é certamente; mas as companhias quando se arruinam, depois de terem completado os seus trabalhos, não teem remedio senão ficar com a sua ruina; mas quando não teem completado os seus trabalhos e se quer que os completem, este espectaculo de ruina não é muito seductor (muitos apoiados). Esta é que é a questão. Se o caminho de ferro estivesse já em exploração para o baixo Alemtejo, Algarve, Guadiana e fronteira de Hespanha, e dissessem: deixem morrer a companhia, não a salvem, não importa que se perca; sendo assim, quasi que se podia adoptar essa doutrina. Entretanto, pela minha parte, não digo — de accordo —, porque eu penso de outra maneira a respeito das companhias, e pensam comigo os homens de governo de todos os paizes; e

aqui podia citar ainda o ultimo discurso do ministro das obras publicas de Italia, mr. Jacini, quando sustentou a necessidade de dar a mão ás companhias, para que ellas não caiam, companhias que não são d'aquella nação, mas que vão, não só satisfazer as conveniencias industriaes, mas tambem desenvolver a riqueza do paiz. Se o caminho de ferro do Algarve já estivesse concluido, e a perda da companhia estivesse imminente, então ainda a opinião, que um illustre deputado aqui manifestou, seria acceitavel, salva a modificaque eu já apontei. Mas o caminho de ferro não está feito senão até Evora e Beja; se com esse a companhia se arruinou, já não tem remedio, porque não o póde levar comsigo; mas o resto da linha não está feita, e, segundo a demonstração pratica tirada pelos homens da sciencia em paizes muito mais ricos, mais populosos e mais bem cultivados, e até mais pittorescos, porque é esta uma circumstancia que póde attrair alli grande numero de viajantes, esse espectaculo de ruina não seria muito proprio para seduzir os capitaes a virem empregar-se aqui em construcções de caminhos de ferro.

Póde o estado perder; podem as companhias arruinar-se. Na Suissa, de nove companhias existentes, sete estão arruinadas; apenas duas tiram um rendimento liquido sufficiente para remunerar os capitaes.

Mas isto, se é uma calamidade, e se é um grande mal para essas companhias, e se é sobretudo um triste e deploravel incentivo para aquelles que hão de vir novamente trazer os seus capitaes áquelle paiz, é isso compensado na Suissa por um augmento de prosperidade correspondente a 20 por cento. E isto ha poucos annos, porque todos sabem que a Suissa tem caminhos de ferro ha muito pouco tempo. Em 1853 tinha apenas algumas dezenas de kilometros.

Lembremo-nos de que não é indifferente maltratar os capitaes estrangeiros, quando carecemos d'elles. Não nos illudamos (apoiados).

Ouvi ha poucos dias appellar para os capitaes nacionaes, para os emprestimos nacionaes, e eu não condemno esses emprestimos nacionaes, porque entendo que são um expediente e um recurso, o qual tem sido adoptado por nações da primeira ordem, e que por isso tambem nos não fica mal, mas eu não creio na nacionalidade dos capitaes.

Declaro que não reconheço essa nacionalidade. Creio que o capital é cosmopolita, que não pertence a esta ou áquella nação, mas que pertence, em primeiro logar, a quem o possue, e depois á industria, como elemento do desenvolvimento dessa industria, como uma necessidade imperterivel d'ella. A isto é que pertence o capital, e não é nem estrangeiro nem nacional (apoiados).

Considerando a questão debaixo do ponto de vista restricto, e deixando de parte estas considerações philosophicas e economicas da nacionalidade dos capitaes: permittam-me os illustres deputados que lhes diga que não nos devemos envergonhar de que o paiz não seja abundante de capitaes, porque isso acontece em outras nações.

Isto tem causas que se explicam perfeitamente, e que são procedidas de circumstancias que não ficam mal. O que nos fica mal sobretudo é negar a verdade dos factos, para querer fingir uma cousa que não é, a fim de se tirarem d'ahi conclusões que são um erro e uma ruina. Isto é que não nos fica bem (apoiados).

Os nossos capitaes são poucos, e se eu o quizesse demonstrar ou alguem o quizesse examinar, não tinha mais do que percorrer a lista dos bancos estabelecidos no paiz, e ver o modo porque fazem as suas operações e desenvolvimento que tem tido.

Direi mais. Nós estamos em circumstancias graves, e estas circumstancias graves derivam-se da situação dos cambios da Europa; e além da situação dos cambios da Europa, nós estamos collocados na necessidade de exportar todos os dias consideraveis capitaes para Londres.

É este ponto que eu creio que deve chamar seriamente a attenção dos homens d'estado e do parlamento.

Vemo-nos obrigados todos os dias a esta exportação, e por consequencia, quando isto tem de resultar inevitavelmente, porque é consequencia necessaria das difficuldades que tem havido durante estes ultimos tempos nas remessas do Brazil é de outras causas, cujo desenvolvimento não quero trazer para aqui neste momento, quando ha a necessidade de fazer todos os dias esta exportação, creio que não é a occasião mais propria para vir condemnar as medidas, que têem como resultado fazer entrar os capitaes do paiz, em logar de os fazer sair d'elle.

Note bem a camara, o resultado aqui é entrarem os capitaes em logar de sairem. Em logar do governo continuar a dar milhares e milhares de contos a uma companhia, essa companhia é que ha de entregar ao governo milhares de contos de réis (apoiados).

O homem mais distincto deste seculo, o homem que mais serviços tem feito ás sciencias economicas e aos seus resultados praticos, considera os caminhos de ferro como eu os tenho considerado.

Ainda ha poucos annos um homem hoje illustre, porque tem feito grandissimos serviços não só ao seu paiz, mas á humanidade inteira, um homem filho de outro homem obscuro, mas que tambem se fez grande, mr. Georg; o filho d'elle, o herdeiro do seu genio, dos seus talentos e da sua applicação, ainda ha poucos annos declarava n'um *meeting* em Inglaterra, o seguinte:

«No meu paiz as companhias de caminhos de fero gastam 500 milhões, e a Inglaterra se quizesse prescindir dos caminhos de ferro, teria de triplicar a sua despeza.»

A Inglaterra, se tivesse de prescindir dos caminhos de ferro, teria de triplicar a sua despesa! A economia que resulta á Inglaterra do estabelecimento dos caminhos de ferro, equivale a uma somma superior áquella que pesa sobre os contribuintes inglezes para toda a divida nacional! Se este grande meio de civilisação e progresso deixasse de existir, a Inglaterra chegaria ás difficuldades mais graves e perigosas em que se póde achar uma nação! Se este meio tão poderoso serve n'aquelle paiz para o engrandecer e adiantar, não póde servir entre nós para nos amesquinhar e abater... (Apoiados — vezes: — muito bem.)

Eu creio no futuro do meu paiz, creio no futuro das provincias do sul. Essas provincias que teem sido menos consideradas pela naturesa, merecem a attenção dos poderes publicos, que as vão acompanhar e desenvolver para que não sejam ilhotas na sociedade, e não soffram as consequencias que a naturesa quiz imprimir-lhe em virtude das circumstancias pouco felizes do seu territorio.

A questão, portanto, versa principalmente no producto que ha de dar o caminho de ferro do sueste. E se pudérmos chegar a convencer-nos que esse producto é vantajoso, é grande, e que os calculos dos illustres deputados não são exactos, ou para melhor dizer, não concluem de uma maneira rigorosa e precisa, creio que temos defendido o contrato maravilhosamente.

(*Continúa.*)

Exterior

Em Londres foi causa de alguma surpreza a rapida viagem dos nossos reis, que pouco se demoraram em territorio britannico, embarcando sem demora para a França.

Diz-se que o partido iberico em Madrid prepara uma grande recepção aos nossos soberanos, o que foi participado em Pariz aos augustos viajantes pelo embaixador de Madrid naquella côrte. Consta tambem que por este motivo SS. MM. guardarão rigoroso incognito na passagem pela capital do reino visinho.

Continúa a ser commentada a severidade da auctoridade britannica na repressão da insurreição da Jamaica.

Nas ultimas noticias das Antilhas dá-se conta d'um acto que mostra bem o rigor da auctoridade britannica. O imperador Suluque teve ordem para vender as propriedades que possuia na Jamaica, devendo ir viver expatriado em S. Thomaz.

Quando se manifestou a revolta na Jamaica as auctoridades inglezas prenderam muitos cidadãos do Haiti, entre os quaes se contavam dois dos antigos ministros do imperador Suluque, sendo por essa occasião vigiado o imperador; e logo que terminou a insurreição foi immediatamente expatriado, por causa do receio que havia de que elle servisse de fomentar novas intrigas.

Grande parte da imprensa de Londres alludindo a estes factos mostram esperanças de que o parlamento se occupará deste assumpto.

— A insurreição do Haiti acabou. O presidente Gefferard entrou na capital da republica, e foi bem acolhido pelos habitantes.

Salnave, chefe da revolta, refugiou-se com os seus mais grados partidarios a bordo de um navio americano. Antes da fuga, porém, de Salnave, a esquadra ingleza bombardeou a cidade. Este bombardeamento não se limitou só ás fortalezas e quartel general de Salnave. Os estragos foram consideraveis por toda a cidade.

—A abertura do parlamento francez deve ter logar no dia 15 de janeiro proximo.

Diz-se que o ministro Fould espera esta occasião, para depois de habilitado com o rendimento das alfandegas até aos ultimos dias de dezembro, apresentar a sua exposição financeira.

Como já démos noticia, tem corrido differentes boatos, a respeito do motivo da vinda a Pariz do general americano Schofield. N'um banquete que ha dias se deu no Grande Hotel de Pariz, entre muitos americanos residentes na capital da França, notava-se Schofield.

E' digna de interesse a maneira por que o general, se expressou n'um discurso pronunciado então.

Fallou primeiro do povo americano, e depois disse:

«Um povo que havia gosado sempre de uma liberdade, que, por assim dizer, não havia em nenhum governo em tempo de paz, manifestou de repente que o seu governo podia ser o mais forte de todos, capaz de levantar e manter exercitos, os quaes em relação ao numero, ás qualidades physicas e moraes daquelles que os compunham, e á disciplina da sua totalidade excederam tudo quanto até agora se tem presenceado.

Mas é um espectaculo maior ainda não só para a America, mas para o orbe civilisado que esses enormes exercitos, apenas cumprida a sua missão se tenham dissolvido tranquillamente: os officiaes, soldados e marinheiros voltaram aos socegados trabalhos da paz, tão tranquillos como ao domingo o christão regressa da egreja a sua casa, e melhores cidadãos do que antes de serem soldados.

Esta lição fez-nos saber que a força de um povo colligado, e o seu poder para manter o logar que lhe pertence entre as nações são independentes da fórma de governo; e que a maior concentração da força nacional, é compativel com a mais limitada liberdade do cidadão. Celebremos juntos esta triumphal reivindicação do nosso querido principio de governo popular.

Brindo, e este brinde ha de echoar em todo o peito verdadeiramente americano, á antiga amisade da França e da America.»

O discurso do general não denota senão sentimentos de muita benevolencia para com a França.

— No dia 14 foi aberta pelo imperador, Francisco José, a dieta Hungria em Ofen. No discurso do throno encontram-se referencias á contradição que ha entre a theoria da advogação das leis passadas e uma inflexivel continuidade de direito. Desfazer essa contrariedade, disse o imperador no seu discurso, que devia ser o alvo a que deviam mirar os desejos de todos os bons patriotas.

No discurso o imperador reconhece a autonomia das provincias, com tanto que não prejudique a unidade do imperio e a sua posição como potencia de primeira ordem.

O imperador dá tambem a entender que deseja a conservação da unidade da Hungria, e examina a reforma das leis de 1848 que não estão em harmonia com os direitos da soberania e com a integridade do imperio.

O discurso do throno acaba, manifestando a esperança de que se fortaleça a união entre o principe e a nação.

— O bandolirismo continua nas provincias italianas. Os tribunaes militares sentenceiam quazi todos os dias chefes de quadrilhas. Em Salerno terminou-se o processo de Giardullo accusado de praticar attentados horriveis. Elle e mais dois outros, Pizza e Amendola foram condemnados á morte, e levados a Campania para serem justiçados nos proprios sitios em que perpetraram os seus crimes.

— Parece que o governo austriaco está resolvido a conservar Veneza, á custa de todos os esforços e sacrificios.

O general Benedeck veio para Verona para tomar de novo conta do commando do exercito, reuniu todos os officiaes generaes que residiam em Verona, e fez-lhes um discurso vago e indeterminado, mas em que transparecem ameaças á Italia.

Custa na verdade a crer como o governo austriaco arcando com immensas difficuldades no interior, e enredado n'uma difficilima questão com os estados secundarios da Allemanha, e com a Prussia, ainda tenha ameaças para a Italia!

— O governo turco parece querer entrar no caminho das concessões, franqueando o paiz á especulação dos estrangeiros. Estão-se fazendo estudos para o caminho de ferro de Andrinoplis, concedido ao credito movel de Pariz.

A *Patria* conta que o mikado do Japão approvára em fins de outubro a decisão tomada pelo taikum, para ser construido um porto de guerra e um arsenal maritimo na bahia Kanagava. Os trabalhos da construcção serão dirigidos por engenheiros francezes.

— Quer na lucta eleitoral, quer nos actos do parlamento reunido em Florença, o partido revolucionario não alcançou vantagens.

Todavia este partido vencido na urna e no parlamento esforça-se por agitar os animos, e nas suas associações apresenta todos os dias novos programmas, em que manifesta as suas doutrinas e opiniões.

A sociedade democratica de Brescia dizia, entre outras causas, no seu programma o seguinte:

«Solução das questões nacionaes: Roma e Veneza.

«A Italia uma desde os Alpes até ao Adriatico, com Roma por capital, incorporando se-lhe Niza e a Corsega.

«Ezercito nacional, adoptando-se por modelo a Suissa e a America.

«Suffragio universal.

«Uma só camara, e electiva.

«Instrucção publica obrigatoria.

«Liberdade de cultos.

«Suppressão de todas as corporações religiosas.

«Abolição da pena de morte.»

Este programma é aceito em parte por todos. Discordam porém todos delle, emquanto á incorporação de Niza e Corsega, porque dizem que tal annexação importará á Italia uma guerra com a França, guerra que nas actuaes circumstancias seria de grande prejuizo para a Italia.

A questão de Roma é que não fica esquecida por nenhum partido. Em todos os circulos é ella apresentada com a mais urgente para resolver.

A situação financeira da Italia é que de dia para dia se aggrava mais.

—Em Londres uma deputação foi pedir um inquerito ao conde Russell em respeito aos acontecimentos da Jamaica. O primeiro ministro da Inglaterra recebeu-os com toda a urbanidade, e pediu para occultar a sua opinião em respeito ao procedimento do governador Eyres. O lord disse:

«Por mais lamentaveis que sejam os successos, devemos esperar que depois de tantos annos de descontentamento, de tantas queixas algumas vezes justas, poderemos por meio das nossas medidas substituir o descontentamento e desordem pela harmonia e bom accordo, de modo que estes infelizes acontecimentos tenham por fim bons resultados.

O governo tem tomado todas as medidas para proceder a um inquerito imparcial a respeito das ultimas desordens e sobre o estado da ilha em geral. Espero que com o auxilio das diversas sociedades de missionarios, e especialmente da de Londres, cujos esforços tendem ha tanto tempo para estabelecer o christianismo na Jamaica, espero, digo eu, que os nossos esforços hão de ter o melhor exito, que não tornaremos no futuro a ver scenas tão deploraveis.»

D'aqui se vê como o primeiro ministro confia no futuro, sustentando a necessidade do inquerito para se ter conhecimento perfeito da causa das desordens, suspendendo entrementes o juizo sobre o proceder do governador Eyres.

O governo de Inglaterra é sem duvida muito severo, o que se tem visto por differentes vezes; e ainda ha pouco o modo como se portou com o Haiti prova bem o que dizemos. Mas cede facilmente á opinião geral do paiz, em virtude das boas instituições que reguem aquella potencia.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 287 de de 19 dezembro

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Relatorio do sr. Fernando da Costa Leal, governador de Mossammedes, ácerca dos melhoramentos materiaes effectuados neste districto.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTANGEIROS

Relação dos portuguezes fallecidos no Rio de Janeiro durante o mez de outubro findo.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 288 de 20 de dezembro

MINISTERIO DO REINO

Continuação da relação dos individuos agraciados com mercês honorificas por diplomas do mez de novembro ultimo.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Aviso de que foi concedida ao sr. bacharel Abel Eduardo da Motta Veiga a exoneração que pediu do logar de amanuense da secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça.

— Outro de que está a concurso o logar vago pela exoneração do antecedente.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Ordem da armada n.º 42.

NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Relação dos portuguezes fallecidos na provincia de Pernambuco desde 1 de julho a 30 de setembro do corrente anno.

— Reproducção da circular, expedida pelo ministerio dos negocios da justiça do imperio do Brazil aos presidentes das respectivas provincias sobre o cumprimento das cartas precatorias ou rogatorias das authoridades judiciaes dos paizes estrangeiros.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 289 de 21 de dezembro

MINISTERIO DO REINO

Decreto declarando de utilidade publica a expropriação de uma propriedade incendiada, situada na rua Nova de El-Rei, afim de se poderem reedificar os preços do concelho de Lisboa.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Licenças a funccionarios judiciaes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda, no dia 3 de fevereiro de 1866, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades, sitas no concelho de Vieira, districto de Braga.

—Idem no dia 5 de fevereiro de 1866, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no mesmo concelho.

MARINHA E ULTRAMAR

Portaria dando varias providencias a favor dos povos de Cabo Verde no caso de que ali sejam insufficientes as colheitas.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 290 de 13 de dezembro

MINISTERIO DO REINO

Aviso de que está a concurso o provimento do logar de lente substituto da 10.ª cadeira, economia politica e principios de direito administrativo e commercial na eschola polytechnica, com o ordenado annual de 400$000 réis.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda, no dia 5 de fevereiro de 1866, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades, sitas nos concelhos de Oeiras, Olivaes. Arruda, Moita, Cintra, Cascaes e Grandola, no districto de Lisboa.

MARINHA E ULTRAMAR

Decreto promovendo ao posto de primeiro tenente da armada, sem prejuizo da antiguidade dos officiaes da sua classe, o segundo tenente da armada Henrique Correia de Araujo.

— Ordem da armada n.º 43.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Noticia do fallecimento de um subdito portuguez no Ceará.

Variedades

TREVAS E LUZ!

Era-me a vida um martyrio
Passada quazi em delirio
De septicismo cruel!
Cada esperança — um desalento,
Cada prazer — um tormento,
Por delicias — agro fél.

Luctei descrido na guerra
Das paixões, que o mundo encerra;
Deseri tudo por meu mal.
Sem esperança, sem saudade,
Sem amôr, sem amisade
Oh! bem pouco a vida val.

Nem sequer sonhei venturas;
Afeito só a torturas,
Até soffria a sonhar!
E da vida entre os folgares
Via o — *Manes*, *Thecel*, *Phares*
Do festim de Balthazar

Julguei o mundo um deserto
Todo de abrolhos coberto,
Tudo n'ell' só aridez!
Sem uma sombra fagueira,
Sem oasis, sem palmeira,
Sem gota d'agua.... talvez!

Não tinha perfume o prado
De florinhas matisado,
Cheio de viço e verdôr;
Nem das noites a rainha,
Que entre as estrellas caminha,
Me fallou jámais d'amor!

Era muda a naturcza;
Não lhe encontrava belleza,
Quer na terra, quer no ceu!
Nem as estrellas fulgindo,
Nem o sol com brilho infindo,
Nem o rugir do escarceu!

.....
.....
.....

Subito, uma luz brilhante,
Como estrella scintillante,
Em torvo ceu me fulgiu!
E essa luz apparecida
Na negra noute da vida
Um novo mundo me abriu!

Amo o rugido do vento,
Amo o azul do firmamento,
Amo o bramido do mar!
E entre as boninas do prado
Como fico enebriado
Em dulcissimo scismar!

Oh! mudou-se tudo. Agora
Nada é já como era outr'ora.
Novo mundo é já o meu!
Sorriu-se em fim a bonança,
E á maga luz da esperança
Dissipou-se o negro veu!

A. F.

Noticiario

Regresso de SS. MM. — Lê-se no *Jornal de Lisboa*: Parece que se prepara grande recepção para o regresso de S. M. F. El-Rei o senhor D. Luiz, sua augusta esposa, e o principe real.

Consta-nos que officialmente se publicará o modo como se deve verificar a solemnidade da recepção dos regios viajantes. Este programma porém não está approvado, visto não se achar ainda determinado se o regresso será por terra ou por mar.

As corvetas do systema mixto *Bartholomeu Dias* e *Sá da Bandeira* acham-se promptas, e esperam ordem para sair, se acaso SS. MM. resolverem embarcar em Bordeus.

Posto que ainda se não ache fixado o dia da partida d'El-Rei julga-se e com fundamento, que SS. MM. e A. entrarão na capital no dia 4 do proximo mez de janeiro.

Epilogo da questão do monumento.—O sr. Mesquita, editor desta folha, e que ha mezes se acha ausente desta cidade, enviou-nos ha dias uma carta do sr. José Estevão de Moraes Sarmento, declarando-se noticiarista da *Revolução*, e perguntando se se entendiam com a sua pessoa umas palavras da resposta que o *Districto* déra ultimamente áquelle jornal, em uma pequena polemica que, a proposito do monumento que a camara d'Aveiro mandára levantar aos martyres da Praça Nova, se travára entre os dois jornaes.

Respondemos ao nosso amigo — e cremos que no mesmo dia — que a redacção publicaria a carta, mas que não daria *satisfação algumo*, porque o sentido das palavras, de que se pedia explicação, era claro; que ninguem offendêra o noticiarista da *Revolução*, antes fôra elle que gratuitamente aggredira este jornal, e que, se o nosso amigo o julgasse conveniente, prevenisse d'isto previamente o sr. Moraes. Não tornamos a receber carta do sr. Mesquita, mas temos a certeza de que ha de ter informado o sr. Moraes da nossa resposta.

Vimos depois publicada no outro jornal da localidade a mesma carta dirigida ao editor do *Districto*, porém com algumas alterações que tornavam ainda mais dispensavel da nossa parte qualquer explicação.

No sabbado veio o sr. Moraes com outra carta no mesmo jornal, na qual, exaltando os seus brios como militar e como homem, e tomando pé da pretendida recusa á publicação da sua carta, fulmina

com o seu despreso o pobre *Districto*, que não teria sido digno da sua attenção se o não presumisse ainda collaborado pelo nosso amigo Mendes Leite!

O sr. Moraes tem representado um papel pouco invejavel, esforçando se por dar a esta questão um vulto, e fazendo da sua arrogancia um alarde que, por muito superior ao que o caso pedia, é mais que muito divertido.

Não sabemos se alguem lh'o agradece. E' possivel mesmo que haja quem cavilosamente ateie a lavareda dos seus juvenis ardores. Não nos detamos, porém, a envestigal-o. Realmente encommoda-nos pouco o desprezo do joven noticiarista, a quem asseguramos que não ha de ser o contacto dos redactores do *Districto* que, em tempo algum, o ha de enodoar.

E agora somos nós que pomos ponto aqui á questiuncula, por que — acredite-o o sr. Moraes — não servimos para desfructe.

Missa do Gallo. — Na noute do dia 24 celebrou-se missa cantada na egreja das religiosas Carmelitas. O templo estava apinhado de assistentes, apezar de o frio convidar pouco a sahir-se de casa.

Natal. — Foi hontem dia de Natal.

Não conta novidade nenhuma, diz qualquer leitor que sabe que hoje é o dia 26 de dezembro.

Mas insiste-se, apesar d'isso. Foi hontem dia Natal, — o anniversario do nascimento do Salvador do mundo, o dia em que arraiou uma aurora explendida para a humanidade, dia em que os vagidos d'um Menino que nascia n'um diversorio de Bethlem foram o prenuncio d'uma nova epocha para os homens, epocha de paz e amor em que elles se apertariam em amplexo fraternal, não se rojando mais aos pés uns dos outros, como se foram senhores e escravos. Foi o dia mais bello que tem visto o mundo, e fez hontem perto de dois mil annos que o mundo o viu.

Foi hontem dia de Natal.

Noticias de SS. MM. — Diz que hoje, 26 partirão de Pariz SS. MM. El-Rei o senhor D. Luiz e sua augusta espoza.

Cholera. — Foi considerado limpo de cholera o porto de Marselha, infeccionado o de Santander, e suspeitos os mais portos da Hespanha, permanecendo infeccionado o porto de Pontevedra, na Galliza.

Enfermo. — Está em eminente perigo de vida o sr. José Fernandes Thomaz, irmão do grande patriota Manuel Fernandes Thomaz, e tio do actual presidente da camara dos srs. deputados, o sr. Roque Fernandes Thomaz.

O contrato. — É do do caminho de ferro de que se falla.

Quando na camara electiva foi votado entre os srs. deputados que o regeitaram contou-se o nome do sr. MANUEL FIRMINO, e vae senão quando diz o *Campeão* :—o contrato é bom.

Como o sr. MANUEL FIRMINO e o redactor do supradicto jornal se hão de ter a estas horas puxado as orelhas reciprocamente...

Que modestia! — Diz o *Jornal do Commercio* que, na terceira conferencia que deu Alexandre Dumas, em Vienna d'Austria, começou a orar do seguinte modo :

«Durante a minha mocidade tive um duelo ; e o meu pulso, que geralmente tem setenta pulsações, dava setenta e uma no momento em que ia collocar-me em frente do meu adversario, isto é, uma pulsação mais do que no meu estado normal. Pois bem ; antes de comparecer perante este auditorio, um facultativo que me examinou acaba de dizer-me que tinha oitenta pulsações. O publico, pois, infunde-me mais medo que a morte.»

Este preambulo, que é falho de modestia, foi estrepitosamente applaudido.

O novo rei da Belgica. — Diz o mesmo jornal que, Leopoldo Luiz Filippe Maria Victor, chamado ao throno da Belgica sob o nome de Leopoldo II, nasceu em 9 de abril de 1835.

Durante o reinado de seu pae, tinha os seguintes titulos : principe real, duque de Brabante, duque de Saxonia e commandante honorario do regimento de grafadeiros.

Em 22 de agosto de 1853 casou com a duqueza Maria Henriqueta Anna, archiduqueza d'Austria, nascida em 23 de agosto de 1836, filha do archiduque José Antonio João, palatino da Hungria.

Deste matrimonio anasceram 3 filhos :

1.° Maria Luiza Amalia duqueza de Saxonia, nasceu em Bruxellas aos 18 de fevereiro de 1858.

2.° Leopoldo Fernando Elias Victor Alberto Maria, conde de Hinaut, duque de Saxonia, nasceu em Bruxellas em 12 de junho de 1859.

3.° Estephania Clotilde Luiza Herminia Maria Carlota, duqueza de Saxonia, nasceu em Lacken, em 21 de maio de 1864.

O rei Leopoldo II, conta 30 annos de idade. Não lhe falta experiencia para dirigir os negocios da Belgica, e estudou ao lado de seu pae o mechanismo das instituições e o caracter do povo belga.

Viajou por mais de uma vez. Visitou a India Oriental e ali permaneceu alguns mezes. Tambem percorreu o Egypto.

Ha poucos annos inspirou serios cuidados a seu augusto pae a saude do principe.

Porém o clima do Oriente exerceu uma influencia favoravel na sua constituição.

O novo rei partilha, como seu augusto pae, a affeição e as sympathias do povo belga. A sua subida ao throno foi acolhida mui favoravelmente, e com as mais legitimas esperanças.

Correio da Capital

Não recebemos hoje carta do nosso correspondente da capital. Pedimos desculpa aos nossos assignantes desta falta que não é nossa.

ULTIMOS DESPACHOS

Lisboa 23 ás 9 h. e 45 m. da manhã

Florença, 22.—A camara reduziu a autorisação do exercicio provisorio a dois mezes.

Os jornaes annunciam que o general Lamarmora fôra encarregado de formar o novo ministerio.

Espera-se que fique hoje organisado.

Pariz, 23,—O «Monitor» diz que foi retirado certo numero de bilhetes de matricula a estudantes perturbadores, e que serão retirados a todos os que tomaram parte na desordem.

Commercio

Mercados nacionaes

Porto, dezembro 23

Farinha de milho	$560 a	$570
Trigo serodio	$820 a	$910
» barbella	$720 a	$730
» ribeiro	$910 a	$920
» da Maia	$900 a	$920
» vareiro	$900 a	$920
Feijão branco	$720 a	$740
» vermelho	$790 a	$800
» rajado	$630 a	$640
» frade	$580 a	$600
» amarello	$720 a	$730
Milho da terra	$500 a	$510
» estrangeiro	$460 a	$470
Centeio	$570 a	$580
Cevada	$420 a	$440
batatas (arroba)	$320 a	$330
Azeite (almude)	4$600 a	4$700

ANNUNCIOS

A UNIÃO

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS DE TODAS AS ESPECIES.

O progressivo desenvolvimento que se manifesta nos seguros de fogo effectuados em todo o paiz por esta vasta Companhia, prova exuberantemente quanto todos se vão convencendo de que nas companhias de seguros se encontra uma verdadeira garantia contra o risco do fogo, cujos funestissimos estragos tantas vezes tem reduzido á miseria familias que antes viviam na opulencia ou remediadas. Por isso quem haverá que mediante uma insignificantissima quantia, paga annualmente, não queira segurar as suas propriedades, pondo-as deste modo ao abrigo do risco do terrivel e distruidor elemento? Só por negligencia deixarão de o fazer as pessoas que ignorem o modo simples de effectuar taes seguros, maximo, pela percentagem diminuta que se paga na Companhia União, percentagem incomparavelmente menor do que em qualquer outra companhia.

Quem desejar effectuar qualquer seguro se dirigirá ao agente nesta cidade, **João da Silva Mello Guimarães,** que se prestará a dar todos os esclarecimentos que sejam pedidos.

Esta Companhia toma tambem seguros maritimos e fluviaes, com condicções muito favoraveis, e administra a grande Companhia O PORVIR DAS FAMILIAS, que se tem avantajado nos seguros de supervivencias mutuas, pelos resultados que tem auferido os seus socios.

Toma seguros de vida, para o caso de morte, e tambem de supervivencia, dotes, pensões, annualidades, etc., a premio fixo.

PIANOS

Ha na rua dos Mercadores n.° 13 deposito de pianos d'um dos mais acreditados fabricantes de Pariz.

Os preços são os mesmos dos depositos do Porto e Lisboa.

A QUEM CONVIER

Quem quizer comprar uma vasilha para azeite dirija-se ao escriptorio desta redacção, onde se diz quem a vende

Vende-se a pharmacia, que foi de José Martins Pereira da Cruz, sita em S. Martinho de Pessegueiro, concelho de Sever do Vouga; os pharmaceuticos que a pretenderem, podem dirigir-se a Antonio José Martins Pereira, da mesma localidade; que se acha habilitado para dar as necessarias informacões.

BANCO UNIÃO

SECÇÃO DE SEGUROS MUTUOS DE VIDA

A direcção lembra aos srs. subscriptores por annuidades para esta secção do BANCO, que até 31 do corrente têem a fazer as seguintes entradas, para não pagarem a percentagem por morosidade de que trata o artigo 21.° do regulamento.

3.ª para a liquidação de 1869.
2.ª para a liquidação de 1870.
1.ª e entrada unica de 1871.

Até á mesma data, ainda se tomam subscripções para aliquidação de 1870, pagando os subscriptores 12 p. c. sobre a entrada unica ou 1.ª prestação por já terem um anno vencido e liquidarem em 4 annos.

Para a liquidação de 1871 subscreve-se até 31 do corrente sem percentagem alguma por atrazo ; e do 1.° de janeiro até 31 de dezembro de 1866, ainda se poderá subscrever para esta liquidação, pagando 1 p.c. ao mez sobre a 1.ª prestação ou entrada unica.

Porto, 7 de dezembro de 1865.

Os directores,
José de Almeida Campos Junior.
F. M. van der Niepoort.

O agente em Aveiro.—*Agostinho D. Pinheiro Silva.*

AGENTE DE ANNUNCIOS ESTRANGEIROS

M. RAYMUNDO VASSIER

Agentes do dito sr. em Pariz—I. Labord & C.ª commissionnaires, rua de Boudy, 42 A. Laffont, escriptorio central de publicidade internacional, Impasse Mazagran, 3.

PHOSPHATO DE FERRO
DE LERAS DOUTOR EM SCIENCIAS.
INSPECTOR DA ACADEMIA DE PARIZ Etc.

Não existe medicamento ferruginoso tão notavel como o *Phosphato de Ferro de Leras;* as summidades medicaes de mundo inteiro adoptaram-no com sollicitude sem igual nos annaes da sciencia. *As cores pallidas, dores de estomago, digestões penosas, anemia, convalescencias difficeis, idade critica nas senhoras, irregularidade na menstruação, pobresa do sangue, lymphatismo, são curados rapidamente ou modificados por esse excellente composto.* E' o conservador por excellencia da saude, e declarado superior nos hospitaes e pelas academias a todos os ferruginosos conhecidos, a *iodo reto* ao *citrato* de ferro, por que é o unico que convem aos estomagos delicados, que não provoca constipacão, o unico tambem que não en negrece a bocca e os dentes.

Deposito em *Paris*, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

BANCO UNIÃO
DO PORTO

CAPITAL—5,000 CONTOS

REALISADO 3,000

SEGUROS DE VIDA EM MUTUALIDADE

SOB A PROTECÇÃO DE S. M. EL-REI O SR. D. LUIZ I

NUMERO DE SOCIOS 9,482

CAPIAL SUBSCRIPTO ATÉ 31 DE AGOSTO 3,361:475$000

INSCRIPÇÕES COMPRADAS E DEPOSITADAS NA CAIXA FILIAL DO BANCO EM LISBOA 2.243:250$000

A direcção do Banco União tendo obtido do governo de S. M. F. a auctorisação para estabelecer o seguro de vidas em mutualidade, faz publico que desde já toma subscripções annuaes ou por uma só vez debaixo das seguintes condições :

Com perda de capital e lucros :
Dita capital sómente ;
Dita lucros sómente ;

devendo a primeira liquidação ter logar no 1.° de Janeiro de 1869

As vantagens do emprego de capitaes em mutualidade, são obvias, porque não sómente se colhe o juro de quantias diminutas, de que avulsas se não poderia tirar nenhum resultado, mas além d'isso este rendimento é augmentado pelo capital ou lucros, ou ambas as cousas, conforme as condições da subscripção dos que fallecem. Tambem é repartido pelos socios sobreviventes tudo aquillo que os socios morosos nos seus pagamentos são por este motivo obrigados a pagar, bem como caducidades que occorrerem pela falta do cumprimento do compromisso social.

As liquidações são pelo systema das companhias hespanholas Tutelar e outras ; e para se poder fazer uma ideia do que póde produzir uma entrada annual de 10$000 réis, publica-se a seguinte tabella baseada sobre a experiencia de muitos annos de companhias desta natureza.

	Em 5 annos	Em 10 annos	Em 15 annos	Em 20 annos	Em 25 annos
Por um menino de 1 dia a 1 anno	110$000	400$000	900$000	2,000$000	4,700$000
» » de 1 anno a 2 »	90$000	300$000	750$000	1,700$000	3,700$000
» » de 2 » a 3 »	86$000	290$000	720$000	1,600$000	3,500$000
» » de 3 » a 4 »	86$000	280$000	710$000	1,560$000	3,400$000
» » de 4 » a 15 »	86$000	270$000	700$000	1,550$000	3,350$000
» uma pessoa de 15 » a 20 »	86$000	270$000	700$000	1,540$000	3,330$000
» » de 20 » a 30 »	86$000	270$000	710$000	1,560$000	3,400$000
» » de 30 » a 40 »	86$000	270$000	720$000	1,600$000	3,700$000
» » de 40 » a 50 »	90$000	300$000	750$000	1,800$000	5,000$000

Nesta mesma proporção uma entrada unica de

50$000 rs.	deve produzir em	5 annos	de 140$000 a	180$000 rs.
100$000 rs.	dito em	10 »	450$000 a	660$000 rs.
150$000 rs.	dito em	15 »	1:300$000 a	1:680$000 rs.
200$000 rs.	dito em	20 »	2:800$000 a	3:600$000 rs.
250$000 rs.	dito em	25 »	6:400$000 a	9:700$000 rs.

Minimo das entradas 5$000 rs.

Porto, 31 de agosto de 1865.

A Direcção do Banco União
José da Silva Machado
F. M. van der Niepoort
José d'Almeida ampos Junior.

As pessoas que quizerem subscrever para tão util estabelecimento ou obter informações sobre o modo e forma de taes transacções, queiram dirigir-se no Porto á direcção do Banco União, no edificio da Bolsa ; — em Lisboa á administração da Caixa Filial do mesmo Banco, rua de S. Francisco n.° 41; — e nesta cidade no escriptorio do agente A. D. Pinheiro e Silva Rua dos Mercadores.

NOVISSIMA REZA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

Acha-se á venda por o modico preço de 80 rs. o «Novo Officio Ecclesiastico, e Missa propria, tanto para o dia 8 de dezembro, como para o da vigilia, e seu oitavario».

Este interessante livrinho encontra-se na mesma loja onde se vende o «Kalendario Ecclesiastico».

Recommenda-se a attenção dos reverendissimos padres a tal respeito ; tendo egualmente em attenção, que segundo o disposto nas Lettras Apostolicas de 25 de setembro de 1863, e advertido tambem na folhinha de 1865, não satisfazem por outro Officio.

A folhinha para 1866 acaba de sair do prelo, e acha-se á venda nas localidades onde se vendeu o anno passado, e pelo mesmo preço.

LIVRARIA

DE

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Nesta livraria acham-se á venda as seguintes obras :

BRADOS

CONTRA O

CASAMENTO CIVIL

I. CONSIDERAÇÕES— sobre o projecto por J. Joaquim de Almeida Braga.
II. CARTA—do sr. duque de Saldanha.
III. REPRESENTAÇÃO—do povo da Maia dirigida á camara dos srs. deputados pelo Bispo Titular d'Angola.

Vende-se no Porto, rua do Bomjardim n.° 72, e nos differentes livreiros ; e em Aveiro, na loja do sr. Mello Guimarães.

PREÇO..... 60 réis

Em Hespanha—scenas de viagem por Julio Cesar Machado 1 vol.	500
OS MARTYRES — por Chateaubriand, traducção de Camillo Castello Branco—2 vol. . .	1:100
HISTORIA DA VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO—pelo padre Ligny, traducção—2 vol.	1:440

INJECÇÃO E CAPSULAS
VEGETAES AO MATICO
GRIMAULT & C.IE PHARMACEUTICOS EM PARIS

Novo tratamento preparado com as *folhas de Matico, árvore do Peru*, para a cura rapida e infallivel da Gonorrhea sem receio algum da contracção do canal ou da inflammação dos intestinos. O celebre doutor Ricord, de Paris, ter renunciado, desde sua apparição, ao emprêgo de qualquer outro tratamento. Emprega-se *a Injecção* no começo de fluxo; *as capsulas* em todos os casos chronicos inveterados, que resistirão ás preparações do copahu, cubeba e ás injecções com base metallica.

Deposito em *Paris*, 45, **rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.**

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA.—*Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»